

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Libertinagem Projetada

Livro-reportagem sobre a história das salas de cinema pornô do DF

AUTORA: NATHÁLIA NOVAIS CHAGAS

ORIENTADOR: GUSTAVO DE CASTRO

MEMÓRIA DE PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

BRASÍLIA/ DF

1º SEMESTRE DE 2013

NATHÁLIA NOVAIS CHAGAS

Libertinagem Projetada

Livro-reportagem sobre a história das salas de cinema pornô do Distrito Federal

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Gustavo de Castro

(Orientador)

Professor Dr Paulo Paniago

(Membro)

Professor Dr. Sérgio de Sá

(Membro)

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é resultado de muita dedicação, sacrifício e amor à investigação e à história do Distrito Federal.

Agradeço à minha família, pelo apoio e pela ajuda, apesar da dificuldade do tema e de todos os problemas.

Ao seu Izaías, pessoa formidável e grande colaborador da reportagem.

Ao Rogério, funcionário da secretaria da Faculdade de Comunicação e pessoa paciente, que suportou toda a minha ansiedade durante o semestre.

Ao meu orientador, Gustavo de Castro, pela paciência.

À Camilla Garcia, amiga maravilhosa e responsável pelas fotos do Cine Paranoá.

Ao Marcos Morce, pela diagramação em cima da hora.

Aos meus amigos, sempre dispostos a ajudar e a aguentar meu desespero.

À Deus, grande provedor de força e alívio nos momentos difíceis.

A todos que participaram da reportagem. Sem os que foram aqui citados, não existiria reportagem nem uma aluna formada.

RESUMO:

O livro reportagem *Libertinagem projetada* é um livro sobre a história das salas de cinema pornô do Distrito Federal. Não existe registro da história desses lugares e a proposta é mostrar como funcionavam a partir das impressões dos frequentadores e de quem trabalha nos cinemas. Os bastidores de apresentações de *striptease* e sexo explícito que aconteciam em uma das salas e a época que surgiram também fazem parte do conteúdo. O livro foi produzido baseado em técnicas do jornalismo literário e apresenta contexto histórico do período da inauguração de cada sala de cinema pornô, quanto tempo as salas duraram, por que fecharam e quando começaram a exibir filmes adultos.

Palavras-chave: pornô; cinema; Cine Ritz; Distrito Federal.

Abstract: The reporting book *Libertinagem Projetada* is a book about the history of the porn movie theaters located in Distrito Federal. There is no record of the history of those places and the book shows how the theaters used to work from the point of view of the employees and clientele. The book illustrates the backstage of both striptease and explicit sex acts that took place in the most famous of those theaters as well the impact those theaters had (on the society) at the time. *Libertinagem Projetada* was written based on the techniques of literary journalism and presents the historical context of the period of the inauguration of every porn theater, how long they lasted and why they shut down the rooms once they began showing adult films.

Key words: porn; movie theaters; Distrito Federal; Cine Ritz.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
3. PROBLEMAS DA PESQUISA	8
4. JUSTIFICATIVA	9
5. OBJETIVOS	10
6. REFERENCIAL TEÓRICO	11
Livro-reportagem	11
Jornalismo Literário	13
Entrevista	15
As salas de cinema pornô de outras cidades	16
7. METODOLOGIA.....	21
Apuração	21
Edição	23
Design Gráfico	23
8. CONCLUSÕES.....	26
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
10. ANEXO.....	36

INTRODUÇÃO:

A história das salas de cinema do DF não possui registro e grande parte dessa história fica restrita às universidades ou a jornais antigos, como anúncios de inauguração, data de fechamento e programação diária. Antes de tomar a decisão de fazer um livro reportagem sobre as salas de cinema pornô do DF, histórias sobre a mais famosa das salas, o Cine Ritz, incitaram minha curiosidade e o tempo ajudou a crescer o sentimento.

O livro supriu a necessidade de aprofundar o assunto, trazer dados sobre parte da história de Brasília e do Brasil. O resultado é um produto de cinquenta e duas páginas, com conteúdo dividido em quatro capítulos. No primeiro, abordo a última sala de cinema pornô do Distrito Federal aberta e como funciona o lugar, além das percepções de funcionários e as minhas. No segundo capítulo, trato da história do Cine Vip, a última sala a fechar e localizada no Cruzeiro.

No terceiro capítulo, trago a história das primeiras salas, entre elas o Cine Paranoá (também a última aberta), o Cine Venâncio Júnior, do Setor de Diversões Sul, e o Cine Ritz, a mais conhecida. Interligado com a história das salas, comento sobre a abertura do mercado brasileiro para os filmes pornográficos e da decadência de alguns cinemas do DF. No último capítulo, abordo como era os bastidores do Cine Ritz, principalmente em relação ao espaço frequentado pelas dançarinas e atores pornô que se apresentavam na sala de cinema.

O primeiro passo para começar o trabalho aconteceu durante atividades realizadas num projeto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) sob orientação da professora Dione Moura. Uma das frentes de trabalho do projeto era a digitalização das edições antigas do *Campus*, jornal-laboratório da Faculdade de Comunicação. Uma reportagem de junho de 1986 chamava atenção pelo tema, a sala de cinema pornô recém-inaugurada em Brasília, o Cine Ritz. A partir daí, o desejo de saber mais sobre a história do Ritz só aumentou.

Antes de aprofundar a apuração, o foco era fazer um livro reportagem sobre o Cine Ritz. Mas na época eu já conhecia o Cine Vip, sala de cinema pornô do Cruzeiro. Então ampliei a abordagem para as duas salas, que até o momento considerava a primeira e a última salas do DF. Durante a pesquisa em jornais antigos e entrevistas com pessoas que trabalham no Setor de Diversões Sul, no entanto, o número de salas aumentou para cinco, sendo que duas já exibiam filmes pornô antes de o Cine Ritz ser inaugurado.

A maioria das salas pornô se concentrava no Setor de Diversões Sul, mais conhecido como Conic. A presença dos cinemas contribuiu para a fama do lugar, assim como a prostituição, os flanelinhas e os viciados em drogas. Ao longo da apuração e das leituras complementares, percebi que salas de cinema adulto atraem atividades ligadas ao sexo e possuem uma dinâmica diferente da prostituição nas ruas. O espaço transmite um sentimento de segurança às prostitutas, às travestis e aos michês.

Enquanto pensava nas pessoas que poderiam me contar sobre o lugar, encontrei fontes bem próximas: um amigo, fotógrafo da empresa onde eu trabalhava, e um porteiro da Universidade de Brasília, um senhor de idade com muitas informações. Depois de entrevistar meu amigo fotógrafo, que passou a adolescência frequentando os cinemas do Conic, procurei o porteiro, seu Izaías, para conversar sobre o assunto.

Desde o início, o objetivo era trazer histórias sobre os cinemas e registrá-las, de modo que os moradores do Distrito Federal tivessem acesso a uma história diferente das que todos conhecem. Izaías foi quem mais trouxe a expectativa e desejos que os frequentadores dos cinemas tinham. Ele era trabalhador de classe média baixa, típico público da sala, e era apreciador de pornografia.

Encontrei ao acaso as outras pessoas, pessoalmente ou por indicação de amigos de trabalho e por pesquisa na internet. As experiências de cada pessoa disposta a falar sobre o assunto completam a reportagem e trazem os cinemas em diferentes épocas da história brasileira. O sucesso das salas de cinema pornô em 1980 é diferente do sucesso de hoje em dia.

A sensação de entrar em uma sala é impressionante e talvez incomum para aqueles que só conhecem cinemas dos *shoppings*. Conhecer um Distrito Federal diferente de agora é como vivenciar um livro de história. E as salas de cinema pornô lembram a todo instante o tempo onde Brasília e as cidades do entorno tinham cinemas de rua impressionantes.

A cultura brasiliense perdeu uma parte de sua história quando os cinemas fecharam. A exibição de filmes pornô foi a salvação de alguns cinemas e é importante uma história das salas de cinema adulto para ficar registrada na história do Distrito Federal.

Durante mais de um ano, pesquisei mais sobre o assunto em jornais, livros, artigos e monografias. O resultado das informações obtidas originou o livro-reportagem *Libertinagem projetada*. O esforço dedicado a essa reportagem é fruto da generosidade e paciência das pessoas que aceitaram fazer parte dessa história, ligada ao submundo do DF.

PROBLEMAS DA PESQUISA:

Desde o primeiro contato com as salas de cinema pornô, surgiram questões inerentes à apuração. Inicialmente, os questionamentos eram em relação à data de inauguração das salas, quando elas fecharam, por que fecharam, qual era a situação cultural do Brasil na época do fechamento e de abertura, como era a produção pornô mundial e brasileira. Com o passar do tempo, encontrei as informações em jornais antigos e datas aproximadas fornecidas por fontes.

Além disso, o que a história das salas pode mostrar em relação à questão do erótico e da pornografia no Distrito Federal. Baseada na apuração e na leitura da monografia do antropólogo Pedro Grandi, notei a dificuldade do acesso a informações referentes ao mercado da pornografia no DF e no Brasil. O sex shop que alugava filmes pornográficos para o Cine Ritz e Cine Vip, por exemplo, não divulga dados sobre o lucro das vendas de produtos, mas forneceu a informação de que o aluguel não é mais o carro-forte da loja.

Em relação às entrevistas com os frequentadores, surgiram dúvidas em como abordar os frequentadores do cinema, como tocar em determinados assuntos sem constranger o entrevistado, como pedir para explicar certos assuntos ligados ao sexo e à prática sexual em grupo. O anonimato é uma das estratégias de trazer clientela e, ciente disso, meu papel como jornalista era não quebrar essa barreira entre o interior do cinema e a rotina fora dele.

Depois de entrar em contato com os entrevistados, levantaram-se perguntas como quais são os motivos que levaram a pessoa a frequentar o cinema, qual é a frequência, o que já fez dentro do cinema, que tipo de prática sexual já viu acontecer, já passou por alguma situação incomum. Geralmente, as descrições do que acontecia dentro dos cinemas vinham acompanhadas de expressões clichês ou risadas sem graça.

As sensações físicas e emocionais precisavam ser exploradas, assim como cheiros e o estado das poltronas, cor das paredes, luzes, cores das cortinas. Durante as entrevistas, era necessária a descrição completa do lugar e das pessoas, da roupa que o entrevistado usava. Mais do que saber o que acontecia dentro das salas de cinema, era saber como era estar em um lugar daquele, o que se sentia ao entrar.

JUSTIFICATIVA:

Durante o curso de Jornalismo, o aprendizado sobre as relações humanas, a mídia e o que define um bom profissional garante a realização do que é proposto pela Academia. A formação do aluno, no entanto, vai além do conhecimento adquirido na universidade. O período de estágio em jornais, canais de tevê e assessorias de imprensa nos desafiam a colocar em prática todos os conceitos aprendidos.

Com a aproximação do final do curso, a decisão de fazer um produto é um caminho interessante para os alunos, capazes de criarem algo importante para o público e para a universidade. A monografia não teria tanto alcance quanto o produto e particularmente o assunto seria melhor tratado com uma linguagem diferente da acadêmica.

A escolha das salas de cinema pornô superou minhas expectativas. O apelo é imediato, já que as pessoas se interessam naturalmente por sexo, e o trabalho de investigação é um dos principais motivos que me fizeram escolher o jornalismo.

A reportagem consegue construir um momento histórico a partir da fala de pessoas que o vivenciaram. O jornalismo faz parte da vida das pessoas e as pessoas fazem parte do jornalismo. A construção da história de uma sala de cinema envolve muito mais do que os funcionários, envolve toda a comunidade apreciadora e frequentadora das salas. E é com base na investigação e nas histórias das salas que um texto chega às pessoas.

OBJETIVOS:

Investigar a história das salas de cinema pornô do Distrito Federal, o perfil dos frequentadores e os bastidores das apresentações de *striptease* e sexo explícito no Cine Ritz. Saber como era o acesso à pornografia na época do surgimento das salas no DF. Descobrir o que atrai o público atualmente.

Identificar que tipo de prática acontece dentro das salas e o tipo de vínculo dos funcionários com os espectadores. A fachada dos estabelecimentos remete a que tipo de público, hetero ou bissexual. Como é a abordagem dentro dos estabelecimentos, os locais onde acontecem práticas sexuais distintas.

Estabelecer as datas de fechamento e inauguração das salas, quais filmes passavam na época, o que chama a atenção nesses locais. Que tipo de envolvimento os espectadores têm com o filme. Que tipo de relação as salas estabelecem com a região onde ficam. Qual a fama dos cinemas, o que trabalhadores da região pensam a respeito das salas, que tipo de atenção atrai. Quais são as reclamações das salas.

REFERENCIAL TEÓRICO:

“A natureza do Jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E, assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante do seu meio ambiente. Para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras e ousar”. (PENA, 2006)

LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem atende a três condições básicas, definidas por Edvaldo Pereira Lima em *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Em primeiro lugar, o autor trata do conteúdo, do que é real e factual. Em segundo lugar, Lima faz referência à linguagem e edição do texto, é jornalístico. E em terceiro lugar, aborda a função que pode ser orientar, informar e explicar.

Apesar de ligado ao factual, o livro-reportagem não é periódico como revistas ou jornais e o conceito de atualidade é mais abrangente que nessas publicações. O tempo presente deixa de ser a razão motivadora da prática jornalística e dá lugar ao contexto e ao aprofundamento dos fatos tratados no livro.

Para Edvaldo Pereira Lima (1993) “o livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalismo que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular e trabalho, na imprensa cotidiana” (LIMA, 1993, p.33). Em entrevista a Edvaldo (LIMA,1993, p. 32), Cremilda Medina considera que a partir do conhecimento jornalístico podemos ultrapassar o aspecto imediato da notícia e situá-lo na história contemporânea.

Diante da chance de fazer uma reportagem sobre o Cine Ritz, a mais famosa das salas de cinema pornô, levei em consideração qual era o papel da sala no contexto histórico pós-ditadura e durante a redemocratização do Brasil e hoje em dia. Os limites desse contexto iam além do que eu imaginava e adquiriram o significado maior depois da leitura de *O Olhar Pornô* (1996), de Nuno Abreu.

Com a pesquisa e a quantidade de informações obtidas durante o tempo dedicado ao trabalho, já tinha conhecimento da amplitude do tema e do contexto histórico e cultural envolvente. O espaço tradicional dos jornais dedicados a assuntos de cultura provavelmente

não conseguiria inserir uma reportagem como a que eu pretendia fazer, muito menos o livro originado do trabalho.

Ainda de acordo com o livro *Páginas Ampliadas*, o livro-reportagem *Libertinagem Projetada*, pode ser classificado como livro-reportagem-retrato. Esta classificação de Edvaldo Lima (1993, p. 45) compreende o retrato de um objeto em questão, seja ele uma região geográfica, um segmento da atividade econômica ou um setor da sociedade, como o foco do livro-reportagem. Para Edvaldo (1993), “visa elucidar, principalmente, em seus mecanismos de funcionamento, seu problema, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um sistema educativo, explicativo”.

Desde o início do trabalho, minha proposta era tratar das salas de cinemas pornôs, e não da produção pornográfica audiovisual brasileira. A história das salas e de seus frequentadores era o foco principal, assim como o contexto da época de surgimento dessas salas. A partir desse ponto de partida, construí um livro reportagem onde a trajetória dos personagens e das salas coincide com a trajetória nacional.

Os jornais da época não informavam os bastidores de cada sala, ou das estórias dos frequentadores e das dançarinas. O que se informava era a data de inauguração, a programação das salas, alguns dados referentes ao funcionamento do local, e não o que acontecia nas ruas e no comércio onde ficavam. visando uma narrativa ampliada que o jornalista se propõe a produzir um livro-reportagem. Segundo Lima (1993, p. 37), “é na expectativa de encontrar a explicação que o jornal não deu ou de ser informado das ações de bastidores, subjacentes à ocorrência relatada na revista, que o leitor pode motivar-se a um aprofundamento na grande reportagem que o livro propõe”.

Em *Estrutura da notícia*, Nilson Lage (1985) define o texto noticioso como “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”.

Na escolha do tema da reportagem, considerei relevante o conteúdo que desejava abordar e principalmente as histórias que eu queria contar. Desde o início, tinha conhecimento de que a reportagem seria um recorte da história da pornografia no Distrito Federal e hoje, com o texto finalizado, percebo que ainda existe uma infinidade de estórias sobre o assunto.

Stuart Hall (1984), citado no livro *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*, de Nelson Traquina (2005), considera que “a notícia não é um relato mas uma construção (do acontecimento)”. A história das salas de

cinema pornô do DF pode ter outras versões e outros significados, além dos que eu expus no livro.

JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário investe em um conhecimento narrativo capaz de estar em todas as seções e pode ser utilizado como um recurso a mais a favor do leitor, de acordo com Gustavo de Castro (2010). Para Felipe Pena (2006), em *Jornalismo Literário*:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006)

Já foi definido com Literatura de Realidade por Edvaldo Pereira Lima, mas no livro *Jornalismo Literário: uma introdução*, Gustavo de Castro defende que o gênero ultrapassa a nomenclatura de Evaldo por explorar a própria noção de realidade. Segundo Felipe Pena (2006), “não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos são misturados”.

Para Paulo Paniago (2008), na tese *Um Retrato Interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*, jornalismo literário é a admissão de que as duas áreas (literatura e jornalismo) podem encontrar mecanismos comuns de se beneficiarem. De acordo com Paniago (2008), “no momento de produção textual, certas técnicas literárias podem ser solicitadas, com benefício para a qualidade final da matéria apresentada ao crivo do leitor”.

Segundo Alceu Amoroso Lima (1960):

Enquanto o jornalismo utilizar a palavra como simples utilidade, então será tampouco literatura como o caso da palavra numa aula de ciência. Jornalismo só é literatura, enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos

meios de expressão. [...] O jornalismo tem sempre, por natureza, como veremos, um fim que transcende ao meio. E por isso sempre que esse reduzir o meio (a palavra) a um simples instrumento de transmissão, deixará de ser jornalismo para ser apenas publicidade ou propaganda, ou noticiário ou anúncio.

A partir desse conceito, construí a reportagem de forma que a narrativa a tornasse atraente e ao mesmo tempo verossímil. Baseando-me em descrições dadas pelos entrevistados, narrei as sensações que envolviam e absorviam os espectadores dentro das salas de cinema pornô. Além de como funcionava a abordagem de prostitutas, michês e de outros espectadores no local.

Em *Jornalismo Literário: uma introdução*, Castro ainda esclarece que o gênero se refere a “um tipo de experiência do narrar humano que associa desde sempre informação e fantasia, notícia, ludicidade e imaginação”. Na década de 1960, a insatisfação de muitos jornalistas em relação às regras de objetividade do texto impulsionou o advento do Novo Jornalismo. O jornalista Tom Wolfe inaugurou o gênero em 1973, depois de escrever o manifesto sobre o tema.

Para Edvaldo Pereira Lima, no artigo *Jornalismo e Literatura: aproximação, recuos e fusões* (2010), “o binômio jornalismo-literatura como forças associadas para reproduzir a realidade com intensidade, calor e cor alcança essa exposição pública destacada nesse período em que nos Estados Unidos o *new journalism* avança as fronteiras narrativas da não-ficção para territórios mais ousados”. Paralelamente, no Brasil, experimentos referentes a esse gênero jornalístico tem espaço nas revistas *Realidade* e no *Jornal da Tarde*, veículos das décadas de 1960 e 1970. E na América Latina alcançou sucesso com Gabriel García Marquez.

O trânsito entre jornalismo e literatura no Brasil foi levado adiante por profissionais que se intercalavam entre a ficção e a literatura da realidade. Ainda de acordo com Edvaldo Lima (2010), “o território mais apropriado para o direcionamento do talento narrativo à produção de peças de não-ficção é mesmo o jornalismo literário, aberto às formas de maior beleza estética”.

Entrevista

As entrevistas realizadas durante a apuração da reportagem foram a melhor parte do trabalho. A maioria dos entrevistados confiou na proposta apresentada e a espontaneidade de cada um me surpreendeu, as histórias foram além do esperado e transmitir o que aconteceu era um dos objetivos.

Um leitor sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação – repórter – receptor) se interligam em uma única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. (MEDINA, 1960)

A relação estabelecida com os entrevistados foi uma experiência próxima da necessária para fazer o perfil de uma personalidade importante para a mídia. Enquanto a conversa acontecia, os personagens da matéria devolviam algumas perguntas e muitos deles revelavam mais do que eu questionava, dando informações bem pessoais sobre a vida sexual ou sentimentos sexuais.

Cremilda Medina (1960) cita A.Garret (1981) no livro *Entrevista: o diálogo possível* para explicar essa relação. A autora acredita que todas as pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistadas. Medina ainda cita Martin Buber (1982)

(Buber) analisa ontologicamente o jogo de aparências entre duas pessoas justapostas no diálogo e considera que a única possibilidade de autenticidade, verdade, entre dois interlocutores é a entrega do EU ao TU, TU-PESSOA e não TU-ISTO. [...] O entrevistador, para Morin, deve corresponder a uma imagem simpática e tranquilizadora. (MEDINA, 1960)

Como entrevistadora, ocupei a posição de observadora participativa, e a troca de ideias e intimidade com os entrevistados me possibilitou ir além do que eu imaginava e propunha para a reportagem. O personagem Izaías, por exemplo, trouxe nas entrevistas uma bagagem de conhecimento sobre a história de Brasília impressionante.

As histórias dos personagens conduziram a reportagem de forma a deixar o conteúdo coeso e coerente com as sensações de cada um. De acordo com Medina (1960):

As entrevistas que recompõem um acontecimento a partir das diferentes vivências dos protagonistas (e/ ou antagonistas) da ação social pedem, ao natural, uma narração indireta. O repórter assume uma terceira pessoa “equidistante” e vai costurando as declarações em etapas por ele decididas, ao montar a matéria. Se for amplo material, poderá até retrancar (divisões de espaços em submatérias) blocos de informações, com títulos próprios ao longo da página ou do espaço de edição.

Diante do resultado da apuração e da reportagem, avalio o trabalho como a realização de uma satisfação pessoal. A proximidade com as pessoas envolvidas e ajuda que recebi durante a pesquisa permitiram uma experiência onde o diálogo foi possível e realizado de maneira excelente, principalmente com a base obtida com leituras sobre o assunto.

As salas de cinema pornô de outras cidades

Durante a pesquisa sobre salas de cinema pornô, livros e teses sobre salas de outras cidades contribuíram para o desenvolvimento de perguntas e para o conhecimento de como as pessoas se comportam nesses lugares. Em *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito* (2012), Alexandre Vale relata a rotina do Cine Jangada, cinema de rua do centro de Fortaleza.

No livro, o autor apresenta a confluência entre a entrada dos cinemas de rua no circuito de exibição pornô e as mudanças no centro da cidade. Os cinemas viraram ponto de encontro entre travestis, prostitutas, michês e homens a procura de sexo. Assim como a maior parte das salas de cinema que se especializaram na exibição de filmes pornôs, o Cine Jangada entrou no circuito para alavancar a bilheteria.

Para Vale (2012, p. 25), “a constituição de plateias para a recepção de filmes pornográficos no centro da cidade, não só no Jangada, mas nas demais ‘salas especiais’, ou melhor, especializadas, além de ser um extraordinário instrumento de informação, poderia contribuir para desenhar um novo tipo de mapa, com a qual se pudesse descrever e compreender a metrópole, suas modalidades de diversão, seus funcionamentos marginais”.

A partir do funcionamento do Cine Ritz, Cine Venâncio Jr e Cine Paranoá, as primeiras salas de cinema do DF a se especializarem na exibição de filmes pornô, pretendia saber como era a prostituição nos lugares e como era a prostituição dentro das salas.

Com o fechamento do Cine Jangada, o território da prostituição e das salas de exibição pornô mudou. De acordo com Vale (2012, p. 33):

(...) alguns de seus espectadores se viram ‘órfãos’ de um espaço que, além de abrigar contra a violência da prostituição travesti de rua ou dos centros de convivência para soropositivos, cumpria outras funções associadas ao lazer, ao trabalho, ao desemprego, à solidão e à busca de solidariedade diante do esvaziamento de sentido das relações na sociedade contemporânea.

No DF, antes do fechamento das salas do Conic, o Cine Vip inaugurou no Cruzeiro e levou parte do público do Cine Ritz. O Cine Vip, como estratégia para conquistar o público, criou espaços para específicas práticas sexuais, como o *glory hole* e o *dark room*, ampliando a principal função de uma sala de cinema, a de exibição de filmes. Em Taguatinga, o Cine Paranoá ainda atraía público e se mantinha com a venda de ingressos. Posteriormente, os atuais donos do cinema incorporaram também salas específicas.

O Cine Ritz se diferenciava pelas apresentações de *striptease* e sexo ao vivo. Os atores que faziam o show de sexo explícito eram contratados em Goiânia e passavam uma temporada em Brasília. Segundo o artigo *O “escurinho do cinema” em Goiânia: um estudo antropológico sobre os “cinemões” da capital goiana* (2012), do antropólogo Matheus França, o número de salas de cinema pornô de Goiânia chega a cinco: Cine Astor (dos atuais donos do Cine Paranoá, em Taguatinga), Cine Santa Maria, Cine Fênix, Cine Apolo e Cine Liberty.

Durante a realização do trabalho de campo, França (2012) ouviu relatos dos frequentadores sobre as salas de cinema e descobriu que o Cine Santa Maria e o Cine Astor “podem ser considerados *gays*, uma vez que neles podemos encontrar trocas sexuais entre homens com mais frequência e também porque são os únicos cinemas que veiculam filmes *gays*, além dos filmes pornô heterossexuais”. Os outros três cinemas exibem somente filmes heterossexuais além de terem *striptease* e sexo ao vivo.

Outra preocupação pessoal era que tipo de função as salas de cinema do DF tinham para as prostitutas, michês e travestis. Como o Cine Jangada era um espaço de proteção,

talvez o Cine Ritz e Cine Vip também poderiam ser. Na monografia de Anna Lúcia (2004), os depoimentos das dançarinas confirmavam o mesmo sentimento.

Com relação aos frequentadores, Fleming (2012, p. 117) cita uma posição diferente das pessoas que utilizavam o cinema:

(...) os indivíduos que frequentavam aquela sala, assídua ou ocasionalmente, entendiam a si mesmos como tomando parte de um ritual coletivo marcadamente caracterizado pela recepção de um produto que deve ser consumido como algo interdito. (...) o ‘erotismo dos outros’ ali se chamava ‘pornografia’, ou seja, era socialmente codificado como tal, condenado socialmente e por isso devendo ser mantido em segredo, algo que esteve sob a égide da censura e permanece socialmente reconhecido como censurável.

Durante as entrevistas, tinha conhecimento dessa situação e diversas vezes frequentadores me abordaram para deixar claro que não permitiam aparecer nas fotos. Somente os frequentadores que permitiram ser entrevistados não tinham problemas com o anonimato e os nomes reais foram inclusos no livro.

Na tese *No escurinho do cinema: socialidade orgiástica nas tarde cariocas* (1989), de Veriano de Souza Terto, uma sala de cinema do Rio de Janeiro trazia também oferece proteção à condenação social. De acordo com Terto (1989, p. 18), “aqui há lugar para os indivíduos trazerem seus ‘segredos’, estarem a sós com o objeto de sua paixão, apesar da sociabilidade comunitária”. Dentro da sala, a libertinagem era permitida, assim como qualquer prática sexual.

Essas salas de cinema pornô, independente da cidade onde se localiza, possuem em seu interior um silêncio que absorve os espectadores e os envolve em uma atmosfera misteriosa. Para Terto (1989, p. 19):

Pode-se pensar que o cinema em questão, na fronteira entre o público e o privado, oferece certa privacidade aos seus frequentadores. Teria, então, esta dupla função: de definir um espaço íntimo e privado a um indivíduo, quando se refere a um lugar onde vivem segredos (ou paixões secretas), quando oferece um certo isolamento; e de definir um espaço absolutamente público, quando se refere à ideia comum de cinema – sala pública para exibição de filmes

A sala estudada por Terto durante a produção da tese lidava com a prostituição no local, principalmente com a presença de travestis e prostitutas. Assim como as outras salas citadas, práticas sexuais aconteciam frequentemente dentro do espaço e, até seu fechamento pela polícia, movimentava o centro da cidade.

Em São Paulo, vinte e uma salas de cinema pornô funcionavam no centro da cidade em 2008, de acordo com o artigo *Cinemas pornô da cidade de São Paulo*, de Alexandre Juliete Rosa e Anderson Vallerini (2008). Algumas salas eram consideradas marginais pelos frequentadores. Segundo Rosa (2008, p. 6), algumas eram “alvo de críticas e opiniões preconceituosas, o que nos indica uma hierarquia entre os cinemas, de acordo com o volume de público, a localização e a presença de prostitutas e travestis”.

No DF, com base nos depoimentos dos entrevistados e dos comerciantes locais, o Cine Ritz, o Cine Paranoá, o Cine Vip, Cine Venâncio Jr e Cine Bristol tinham fama negativa e geravam reclamações de quem trabalhava por perto, mas não existia hierarquia entre eles. O Cine Ritz ganhou fama por causa das atrações e não pelo público que atraía.

Assim como as outras salas já citadas, as do centro de São Paulo também contavam com certas regras dentro do espaço, mesmo que algumas fossem direcionadas para públicos diferentes ou para objetivos diferentes. Existiam salas para práticas sexuais entre homens, salas onde a presença de travestis era grande e outra onde a presença de prostitutas era grande.

No centro de Salvador, o número de cinemas de rua pornô na década de 70 era cinco: Cine Jandaia, Cine Pax, Cine Liceu, Cine Tupy e Cine Astor. De acordo com o artigo *Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua*, de João Soares Pena (2012), quarenta e dois anos depois somente dois cinemas restaram: o Tupy e o Astor. Como na maioria dos cinemas pornô, a prática sexual é comum dentro do espaço e o público é majoritariamente masculino.

É comum nestes cinemas o anonimato e a prostituição. A procura de parceiros sexuais é um dos principais motivos para os frequentadores irem às salas especiais, independentemente de onde estão instaladas.

METODOLOGIA:

APURAÇÃO

A produção do trabalho durou mais de um ano, contando a parte de pesquisa e leitura antes de começar as entrevistas. Inicialmente, a ideia era fazer um livro com críticas de cinema, cheguei até a desenvolver o pré-projeto sobre isso. Mas durante um trabalho no centro de documentação da Faculdade de Comunicação decidi mudar o tema para a história do Cine Ritz e posteriormente para a história das salas de cinema pornôs do Distrito Federal.

O primeiro contato com o tema aconteceu conversando com amigos sobre o Cine Ritz, antes mesmo de passar no vestibular da UnB. Muitos contavam alguma experiência que um amigo tinha passado, ou comentávamos sobre as atrações do cinema e especulávamos quem frequentaria. Depois de entrar na UnB e ler uma matéria sobre a inauguração do Cine Ritz no jornal *Campus*, fiz o possível para saber da história da sala.

Com a ajuda do meu orientador, dei início ao trabalho com leitura de livros e teses sobre salas de cinema pornôs em outras cidades do Brasil. O livro *No escurinho do cinema: memórias de um público implícito*, de Alexandre do Vale, foi a primeira leitura e depois li a teses e artigos sobre salas do Rio de Janeiro, São Paulo e Goiânia.

As monografias *Aqui não tem tabu: sociabilidade e representação do obsceno no Cine Ritz* (2004), da antropóloga Anna Lúcia dos Santos, e *Oh yeah, baby! Sítios da pornografia, territórios da masculinidade* (2007), do antropólogo Pedro Grandi, também contribuíram para o trabalho. Os dois autores visitaram o cinema em épocas diferentes e podiam me dar uma visão antropológica do que acontecia lá dentro, além de descrever como era a fase de decadência do Ritz.

Enquanto eu fazia as leituras, alternei pesquisas em jornais antigos do *Correio Braziliense* na biblioteca da Câmara dos Deputados e do Senado. Com a matéria de junho de 1986 do *Campus*, pude estimar a data de inauguração do Cine Ritz em abril de 1986. Olhei os jornais da época e os vários anúncios veiculados, e encontrei a data provável: 11 de abril de 1986. O *Correio* tinha feito uma matéria especial a respeito do cinema, com uma posição diferente da última matéria de jornal referente ao Cine Ritz. Na matéria de 1986, o primeiro dono do cinema contava sobre as atrações da semana no cinema e qual era o diferencial em relação a outra sala de cinema pornô, o Cine Venâncio Jr.

Além da matéria, chequei a programação dos filmes exibidos nos cinemas. Antes de descobrir as outras salas de cinema, um senhor que trabalha no Setor de Diversões Sul desde

1986 revelou, durante uma entrevista, como era o movimento enquanto o Cine Ritz funcionava e quais outros cinemas do Conic eram ou se tornaram salas pornô. O Cine Venâncio Jr já exibia filmes pornô antes de o Ritz ser inaugurado e o Cine Bristol começou a exibir o mesmo tipo de filme depois de o Ritz começar a funcionar.

Para descobrir a data de inauguração de cada sala de cinema, pesquisei nos jornais por alguns dias e fui eliminando alguns anos e alguns meses. Da mesma forma, descobri quando cada um mudou a programação tradicional para a pornô. O Cine Venâncio Jr e Cine Paranoá começaram a exibir filmes pornô em 1982, mas o primeiro cinema a fazer a exibição de filme adulto foi o Cine Astor, para a minha surpresa. O Astor só foi citado na reportagem por esse fato, mas não era uma sala de cinema pornô já que exibia filmes tradicionais durante o dia inteiro e só à noite exibia filmes adultos.

A programação anterior à pornô se resumia a pornochanchadas e filmes de kung fu. Depois, filmes nacionais pornô entraram na programação, veiculada nos jornais. Quando o Cine Venâncio Jr fechou, a programação ficou restrita ao Cine Bristol e Cine Ritz. E a partir de 1999, só o Cine Ritz funcionava. O Cine Paranoá não exibia as programações, mas ainda funcionava.

Considerei a data de fechamento dos cinemas baseado em dados fornecidos por fontes e veiculação em jornal. Como a Secretaria de Cultura do Governo do DF não tinha nenhum dado a respeito das salas e a prefeita do Conic, Flávia Portela, também não, conversei com comerciantes do local e fontes indicadas pela prefeita. As pessoas me davam datas aproximadas e eu fazia a pesquisa em jornais. Como foi o caso do Cine Bristol, que se tornou sala de cinema pornô no dia cinco de junho de 1992 e fechou no dia 21 de maio de 1999, quando não mais apareceu no jornal.

O Cine Ritz ganhou uma matéria no site do *Correio Braziliense* quando fechou por causa de denúncias de prostituição, no dia oito de junho de 2009. O Cine Vip, apesar de não veicular a programação no *Correio Brasiliense*, eu tinha conhecimento da data de fechamento quando conversei com os comerciantes do Cruzeiro Center.

Encontrei os frequentadores do cinema na empresa onde eu estagiava e na própria Faculdade de Comunicação. O fotógrafo da empresa me deu uma entrevista de duas horas sobre sua experiência e o porteiro da Faculdade de Comunicação me deu entrevistas aos poucos, até eu decidir que seria um personagem por ser o tipo de pessoa que gosta de pornografia e frequentava muitas vezes por semana.

No Cine Paranoá, a última sala em funcionamento do DF, os funcionários foram atenciosos e deram entrevistas por um bom tempo, além de me deixar entrar no cinema sem pagar. A experiência neste cinema foi essencial para o desenvolvimento da reportagem.

EDIÇÃO

A matéria se organizou em ordem cronológica, da última sala aberta até as primeiras. Na primeira parte, conto as sensações percebidas a partir da minha experiência e da de um funcionário que frequentava o Cine Vip e o Cine Paranoá, antes de começar a trabalhar neste último. A gerente do Paranoá também teve participação nesta parte do trabalho.

Na segunda parte, o funcionário do Paranoá também conta como era o Cine Vip e as experiências dentro do cinema. Intercalei o personagem com depoimento do dono dado à Polícia Civil, quando respondia a processo, e dados apurados também pela polícia. Essas informações foram obtidas de acordo com a Lei de Transparência do governo.

Na terceira parte, as histórias do porteiro da Faculdade de Comunicação e do fotógrafo sobre a frequência que iam ao Cine Ritz se misturam com dados sobre pornografia no Brasil. E para fechar a matéria incluí como eram os bastidores do Cine Ritz baseado em informações das monografias de Anna Lúcia dos Santos e Pedro Grandi.

Com base nas orientações do Gustavo de Castro, finalizei a matéria incluindo alguns dados e informações apurados. Uma amiga contribuiu, dando a opinião a respeito da organização do texto e das histórias.

DESIGN GRÁFICO

A parte gráfica da reportagem foi produzida pelo design gráfico Marcos Morce, pago para realizar o trabalho. São usadas fotos do Cine Ritz, obtidas na internet e com a antropóloga Anna Lúcia, além de anúncios antigos dos filmes exibidos e da inauguração do Cine Ritz.

As fotos do Cine Vip são de uma revista eletrônica chamada *Parou Tudo*. E as do Cine Paranoá foram tiradas por Camilla Garcia Brunca, no horário de funcionamento do cinema.

A ilustração da capa foi feita pela Beatriz Saffi, estudante de Desenho Industrial da Universidade de Brasília, e a referência é a capa do livro *Folha conta 100 anos de cinema* (1995), organizado por Amir Labaki. Ainda foram usadas no interior da revista ilustrações da revista em quadrinhos pornográfica *Catecismo*, de Carlos Zéfiro.

TABELA COM ENTREVISTADOS DURANTE A PRODUÇÃO DO LIVRO:

ENTREVISTADOS	SALAS DE CINEMA
IZAÍAS DA SILVA MARCELLO CASAL	CINE RITZ
TAYANNE SANTOS	CINE PARANOÁ
DIVINO PINHEIRO	CINE PARANOÁ E CINE VIP
ANNA LÚCIA	CINE RITZ
PEDRO GRANDI	CINE RITZ
FLÁVIA PORTELA	CINE RITZ
ANTÔNIO SABINO	CINE VIP
GERALDO MOREIRA	CINE RITZ
SOLANGE (DONA SEX SHOP APHRODITH)	CINE RITZ E CINE VIP
TIETA (PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DO CRUZEIRO CENTER)	CINE VIP
ALEXANDRE LUCAS (DONO DO EDÍFICIO ACRÓPOLE, ONDE FICAVA CINE RITZ)	CINE RITZ
JOSIMAR	CINE VENÂNCIO JR E CINE RITZ
MARIA (FUNCIONÁRIA DE ESCRITÓRIO NO EDIFÍCIO ONDE FICAVA O BRISTOL)	CINE BRISTOL

TABELA COM DATAS DE INAUGURAÇÃO, FECHAMENTO E FUNCIONAMENTO DAS SALAS DE CINEMAS PORNÔS

SALAS DE CINEMA	INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	MUDANÇA PARA PROGRAMAÇÃO PORNÔ
CINE VENÂNCIO JR	NOVEMBRO DE 1969	DEZEMBRO DE 1990	JANEIRO DE 1983
CINE PARANOÁ	DEZEMBRO DE 1960	_____	JANEIRO DE 1983
CINE RITZ	ABRIL DE 1986	JULHO DE 2009	DESDE O INÍCIO
CINE BRISTOL	JULHO DE 1976	MAIO DE 1999	JUNHO DE 1992
CINE VIP	OUTUBRO DE 2006	NOVEMBRO DE 2012	DESDE O INÍCIO

CONCLUSÕES:

“A minha concepção de jornalismo sempre foi a mesma. É descobrir as histórias que valem a pena ser contadas. O que é fora dos padrões e, portanto, desconhecido. É apresentar essa história de uma forma que nenhum blogueiro faz. A notícia tem que ser escrita como ficção, algo para ser lido com prazer. Jornalistas têm de escrever tão bem quanto romancistas. Para fazer jornalismo você precisa ser curioso, ter disposição para sair às ruas e ter paciência para ouvir as pessoas. Se você fizer a mesma pergunta dez vezes para a mesma pessoa, vai ouvir dez respostas diferentes. As pessoas mentem. E você precisa de tempo para buscar a verdade no que elas dizem. Se você não tem tempo para ouvir, não está comprometido com a profissão. Isso a faculdade não ensina.”.

Gay Talese, em entrevista à revista *Época*

Depois de cinco anos estudando na Faculdade de Comunicação, finalmente fiz um trabalho jornalístico do qual posso me orgulhar. O objetivo, desde o início, era fazer algo interessante e inovador, um produto importante para os moradores do Distrito Federal e para a história cultural. A dedicação e a paciência investidas são resultado da vontade de escrever uma reportagem sobre uma parte da história do DF ainda não contada em páginas de revista.

O amor pelas palavras e pela literatura foi o motivo da escolha do produto como projeto final. No livro reportagem, consegui colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas e nos estágios onde trabalhei. Lidar com o jornalismo é antes de tudo um esforço em lidar com o improvável, com o inédito.

Contar as histórias de quem passou pelas antigas salas de cinema do DF é um trabalho especificamente para minha satisfação pessoal. O desejo de correr atrás e descobrir cada data e informação sobre as salas me fez sentir parte da história do DF. As lembranças construídas durante o tempo de pesquisa não são lembranças da época áurea das salas ou de um frequentador, mas primeiro passo para conhecer as cidades.

Passei por experiências constrangedoras, como ligar na casa de vários Valdivinos de Souza para conseguir falar com pelo menos um dono das salas, e a viúva de um deles me informar que o marido havia falecido. Ou ligar em universidades atrás de outro dono, mesmo sabendo que poderia resultar em nada (o que aconteceu, no final).

Conseguir pessoas para contar experiências pessoais nas salas também foi um trabalho árduo, recebi inúmeras negativas e pessoas me davam telefones que não atendiam. Depois de

passar por situações como essas e não desistir do livro foi um exercício de força e dedicação que levarei para o resto da minha vida.

Através de um trabalho como esse, espero chamar a atenção para lugares e histórias que não vão ser lembradas pelas pessoas mais novas se não existir um registro. Apesar de o foco ser as salas de cinema pornô, as pessoas se fazem presentes e convidam o leitor a entrar em um mundo diferente do que é veiculado nos jornais. Antes de a internet e os shoppings transformarem a cultura em geral, os moradores e trabalhadores de Brasília frequentavam lugares como Conic ou iam a cinemas perto de casa. A convivência entre pessoas que moram na mesma cidade diminuiu e o fechamento dos cinemas ao longo dos anos alterou o circuito cultural do DF.

O espaço na mídia para grandes reportagens culturais é pequeno e limitado a lançamentos de filmes, peças teatrais e resenhas de livros. Sair da bolha da redação é um dos problemas atuais dos jornais. Espera-se que entrevistas e pautas caiam do céu, quando o que falta na realidade são pessoas capazes de fazer reportagens diferenciadas e interessantes e ao mesmo tempo prazerosas para os leitores.

O projeto final foi uma experiência jornalística sem editores e chefes gritando meu nome na redação. Por um lado, isso é ótimo pelo fato de que: não lido bem com pressão. Por outro lado, talvez seja a única oportunidade de fazer uma grande reportagem como essa.

Em vários momentos, cheguei a duvidar que um dia o trabalho ficaria pronto. O mercado pornográfico do DF não é frequentemente tratado em matérias ou revistas. Conseguir informações sobre o assunto é difícil e o acesso restrito a funcionários de sex shops ou até mesmo dos cinemas, antes de serem fechados.

Livros e trabalhos sobre salas de cinema pornô são geralmente ligados às universidades. Para ter acesso a muitos deles precisei procurar em referências de outras pessoas, em outros artigos e até mesmo adquirir livros vendidos no exterior. O assunto pode parecer simples, mas a falta de material jornalístico sobre essas salas de cinema, com a abordagem que eu pretendia, dificultou o desenvolvimento da narrativa.

A situação das salas de cinema pornô do DF tem características específicas que não são tratadas nos livros e teses usadas como fonte de conhecimento para o livro. O Cine Ritz e o Cine Vip, por exemplo, foram duas salas que surgiram sem antes passar pelo período de decadência do cinema tradicional. Elas foram inauguradas e fechadas como salas pornô, sem nunca terem passado um filme do circuito tradicional de filmes.

Essa e outras peculiaridades fizeram a história das salas ser tão rica. Acredito que o livro foi um marco na minha vida, assim como será para os futuros estudantes de jornalismo

da UnB que tiverem acesso à matéria vinte ou trinta anos depois, como eu tive à matéria do *Campus*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

ABREU, Nuno. *O Olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e video*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

_____. *Boca do lixo: cinema e classes populares*. São Paulo: Unicamp, 2006.

BERNARDET, Jean-Claude. *Pornografia, o sexo dos outros*. In: MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. CIDADE: Editora Brasiliense, 1979.

_____. *Pornografia, o sexo dos outros*. In: MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. CIDADE: Editora Brasiliense, 1979.

BOAS, Sergio Vilas Boas. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

CALDAS, Ricardo Wahrendorff; MONTORO, Tânia Siqueira. *A evolução do cinema brasileiro no século XX*. Brasília: Casa das Musas, 2006.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Entre o pudor e a luxúria: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FREIXAS, Ramon e BASSA, Joan. *El sexo en cine y el cine de sexo*. Barcelona: Paidós, 2001.

GIACHETTI, Roman. *Porno-power (pornografia y sociedad capitalista)*. Barcelona: Editorial Fontanella, 1976.

GUBERN, Román. *La imagen pornográfica y otras perversões ópticas*. Barcelona: Anagrama, 2005.

HUMPHREYS, Laud. *Tearoom trade: impersonal sex in public places*. Chicago: Aldine Transaction, 1975.

ICASSI, Miguel (org). *Um sábado no paraíso do swing e outras reportagens sobre sexo*. São Paulo: Panda Books, 2006.

KEESEY, Douglas & DUNCAN, Paul (ed.). *Cinema erótico*. Köln: Taschen, 2005.

LEAP, William L. *Public Sex, Gay Space*. Columbia: Columbia University Press, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. *O Que é Pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC, 2004.

RAMOS, Fernão; MOURA, Roberto. *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art, 1987.

SIMÕES, Inimá. *Sou...mas quem não é? Pornochanchada: o bode expiatório do cinema brasileiro*. In: MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

_____. *Salas de cinema em São Paulo*. São paulo: Pw/Sec Mun Cult, 1990.

SONTAG, Susan. *A imaginação pornográfica*. In SONTAG, Susan. *A Vontade radical: estilos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TALESE, Gay. *A mulher do próximo: uma crônica da permissividade americana antes da era AIDS*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

WINCKLER, Carlos Roberto. *Pornografia e sexualidade no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SITES:

BAZZO, Ezio. *Um requiem ao Cine Ritz de Brasília*. Disponível em :
<<http://eziobazzo.blogspot.com.br/2009/07/um-requiem-ao-cine-ritz-de-brasilia.html>>.
Acesso: 09/07/2013

BBC BRASIL. *Indústria pornô vive crise com concorrência online*. Disponível em :
<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120609_industria_porno_theroux_rw.shtml>. Acesso: 09/07/2013

BRAGA, Carlos. *No escurinho do cinema*. Disponível em :
<http://www.palmalouca.com/reportagem/reportagem.jsp?id_reportagem=232>. Acesso:
09/07/2013

CALDAS, Igor. *O estigma de um edifício: Conic*. Disponível em :
<<http://campus.fac.unb.br/universidade/item/2555-o-estigma-de-um-edif%C3%ADcio-conic>>. Acesso: 09/07/2013

CARDOZO, Elverson. *Cine pornô fecha as portas definitivamente e clientes ficam na mão*. Disponível em : <<http://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/cine-porno-fecha-as-portas-definitivamente-e-clientes-ficam-na-mao>>. Acesso: 09/07/2013

GIRÃO, Ivna. *Cines pornôs mantêm rotina no centro de Fortaleza*. Disponível em : <<http://diaboquatro.wordpress.com/2009/09/30/cines-pornos-mantem-rotina-no-centro-de-fortaleza/>>. Acesso: 09/07/2013

GUERRA, Flávia. *Na Virada, cine pornô também é cultura*. Disponível em : <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,na-virada-cine-porno-tambem-e-cultura,1033468,0.htm>>. Acesso: 09/07/2013

JORDÃO, Cláudia. *Por que eu fiz pornô*. Disponível em : <http://www.istoe.com.br/reportagens/5885_POR+QUE+EU+FIZ+PORNO>. Acesso: 09/07/2013

MAIA, Maria Carolina. *Livro narra a primeira vez do cinema nacional*. Disponível em : <<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/livros-da-semana/livro-narra-a-primeira-vez-do-cinema-nacional/>>. Acesso: 09/07/2013

MARINHO, João. *Repórter relata o que acontece no escurinho do cinemão*. Disponível em : <<http://acapa.virgula.uol.com.br/revista/reporter-relata-o-que-acontece-no-escurinho-do-cinema/13/38/5481>>. Acesso: 09/07/2013

MENDES, Gio. *A primeira vez em uma sala especial*. Disponível em : <<http://mundo-cane.blogspot.com.br/2012/06/primeira-vez-em-uma-sala-especial.html>>. Acesso: 09/07/2013

MORATO, Leo. *Cinema pornô no centro de São Paulo, a Sodoma underground*. Disponível em : <<http://papodehomem.com.br/cinema-porno-no-centro-de-sao-paulo-a-sodoma-underground/>>. Acesso: 09/07/2013

MUNIZ, Pedro. *Cinema erótico do Cruzeiro é ponto 'seguro' para pegação no DF*. Disponível em : <<http://paroutudo.com/materias/redacao/071018.php>>. Acesso: 09/07/2013

REDAÇÃO. *Quer sair do mundo virtual com um filme quente?*. Disponível em: <<http://paroutudo.com/2012/04/19/cinemix-brasilia/>>. Acesso: 09/07/2013

ROCHA, Rafael. *O dia que eu fui no cinema pornô*. Disponível em : <<http://rafaelrochablog.blogspot.com.br/2012/12/o-dia-que-eu-fui-no-cinema-porno.html>>. Acesso: 09/07/2013

ROSA, Alexandre Juliete; VALLERINI, Anderson; ALVES, Cleber; FRANÇA, Danilo Sales do Nascimento. *Cinemas pornôs na cidade de São Paulo*. Julho de 2008. Disponível em : <<http://www.ciceronacultura.com/2011/07/cinemas-pornos-da-cidade-de-sao-paulo.html>>. Acesso: 09/07/2013

SENA, Evan. *Tela quente: cinema adulto do Cruzeiro é ponto babado*. Disponível em : <<http://www.paroutudo.com/materias/redacao/090403.php>>. Acesso: 09/07/2013

VENTURA. Mauro. *Nos 30 anos do pornô brasileiro, 'Coisas Eróticas' ganha livro e filme*. Disponível em : <<http://oglobo.globo.com/cultura/nos-30-anos-do-porno-brasileiro-coisas-eroticas-ganha-livros-filme-5976057>>. Acesso: 09/07/2013

Salas de cinema pornô sobrevivem como ponto de encontro para sexo casual. Disponível em : <<http://rogsil.wordpress.com/2008/03/29/salas-de-cinema-porno-sobrevivem-como-ponto-de-encontro-para-sexo-casual/>>. Acesso: 09/07/2013

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS:

CAMPUS. Brasília: Faculdade de Comunicação/ UnB. Junho de 1986.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diário dos Associados. Ano 1986.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diário dos Associados. Ano 1993.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diário dos Associados. Ano 1999.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diário dos Associados. Ano 1976.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diário dos Associados. Ano 1982.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diário dos Associados. Ano 1983.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diário dos Associados. Ano 1981.

ARTIGOS, TESES E DISSERTAÇÕES

CUNHA, Anna Lucia dos Santos da. *Aqui não tem tabu: Sociabilidade e Representação do obscuro no Cine Ritz*. Brasília: trabalho de conclusão de curso (Monografia), Universidade de Brasília/ Departamento de Antropologia, 2004.

FRANÇA, Matheus. *O Escurinho do Cinema de Goiânia: um estudo etnográfico sobre os cinemões da capital goiana*. In: IX Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG, 2012, Goiânia. Anais do IX Conpeex. Goiânia: UFG, 2012. p. 7684-7698. Resumo disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/8271.htm>>. Acesso: 09/07/2013

FREIRE, João Batista. *Prazeres desprezados: a pornografia, seus consumidores e seus destratores*. Disponível em: < http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112410121110Prazeres%20desprezados:%20A%20pornografia%20seus%20consumidores%20e%20destratores%20-%20Jo%C3%A3o%20Freire.pdf > Acesso: 09/07/2013

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo e Literatura: aproximações, recuos e fusões*. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/viewFile/2198/2121> (Última visualização: 03 de julho de 2013)

NOGUEIRA, Pedro Grandi Passos. *Oh yeah, baby! Sítios da pornografia, territórios da masculinidade*. Brasília: trabalho de conclusão de curso (Monografia), Universidade de Brasília/ Departamento de Antropologia, 2008.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. *Um Retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. 2008. 456 p. : Tese (doutorado) - Faculdade de Comunicação, 2008.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza; AUGRAS, Monique. *No escurinho do cinema... : sociabilidade orgástica nas tardes cariocas*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Departamento de Psicologia, 1989. Disponível em : <http://www3.dbd.puc-rio.br/sre/satisfacao.asp?cod_solicit=48824&filename=48824.pdf > Acesso: 09/07/2013.

ANEXOS

10.1 REPORTAGEM DO *CORREIO BRAZILIENSE* CITADA NA MEMÓRIA

10.2 PARTE DO PROCESSO DE FECHAMENTO DO CINE VIP/ CINEMIX